

Desigualdade marca combate à Covid na América Latina

Países como Chile e Uruguai já vacinaram mais de 75% da população e, na outra ponta, Haiti apenas 0,58%

ELISA MARTINS E
MARIANA ROSÁRIO
internacio@oglobo.com.br
SÃO PAULO

Embora a América Latina tenha mais da metade de sua população imunizada contra a Covid, a distribuição de vacinados é desigual entre os países e reforça os riscos do desequilíbrio no acesso às doses. Em 12 países da região, 50% ou mais dos habitantes já completaram o esquema vacinal, de acordo com dados da plataforma Our World in Data, ligada à Universidade de Oxford. Mas outros oito países, pelo menos, estão abaixo ou bem abaixo disso.

A culpa não é dos que recusam a vacina, problema mais comum nos EUA ou na Europa. Por aqui, o ranking de imunização acompanha o do poderio econômico e expõe a falta de vacinas e de solidariedade como principais problemas para um avanço eficaz da campanha no continente.

FALTA O BÁSICO

A dianteira é do Chile, com 84% da população totalmente vacinados, seguido de Cuba (81%), Uruguai (76%), Argentina (66%), Equador (64%) e Brasil (63%). Na outra ponta, em situação mais dramática, estão Honduras (36%), Bolívia (35%), Venezuela (34%), Guatemala (22%) e Haiti (0,58%).

—São países sem espaço fiscal para comprar o básico, imagine conseguir pagar US\$ 15 ou US\$ 20 por dose. Sem poder negociar diretamente com as empresas privadas fornecedoras de vacinas, eles ficaram dependentes de iniciativas da Organização Mundial da Saúde (OMS) ou da Organização Pan-Americana da Saúde (Opas), que têm recebido quantidades exiguas de doses — explica Paulo Buss,

coordenador do Centro de Relações Internacionais em Saúde (Cris/Fiocruz).

Tem pesado também, diz, o descompromisso político entre governos do continente desde a eliminação da Unasul, que se tornou evidente na questão sanitária:

—O principal problema é a falta de cooperação internacional na América Latina — diz Buss, que foi presidente da Fiocruz. —Na pandemia, as Vigilâncias Sanitárias e Epidemiológicas dos países não se articularam, a vigilância de fronteiras não funcionou, assim como doações de ventiladores, máscaras e, claro, a ajuda mútua para vacinas.

DESIGUALDADE

O mais gritante dos exemplos na região é o Haiti. Com cerca de 11,4 milhões de habitantes — número próximo ao da cidade de São Paulo — vacinou somente 0,58% da população com duas doses de imunizante.

A vacinação no país foi iniciada em julho, com aplicações oferecidas pela Covax Facility, aliança criada pela OMS para acelerar a produção de vacinas contra a Covid e garantir o acesso igualitário aos imunizantes. Mais de 150 países, entre eles o Brasil, aderiram à iniciativa. Mas os mesmos Estados que definiram o mecanismo boicotaram-no.

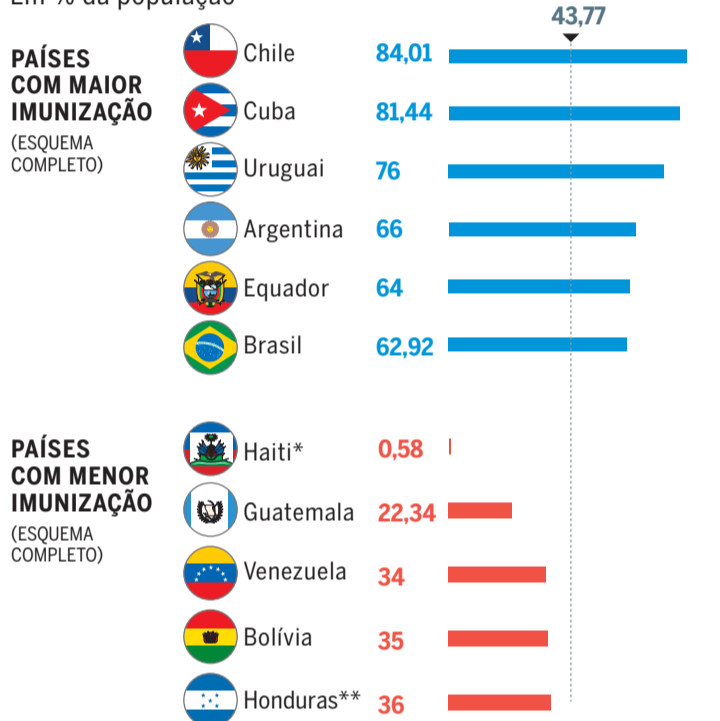
—Todos queríamos que os países tivessem apelado à solidariedade. Mas isso não funcionou realmente. O exemplo mais claro é o fracasso da Covax. Em teoria, uma ideia muito boa, de distribuição equitativa de doses, mas os países assinaram acordos diretos com os fabricantes e levaram tudo que havia. O ideal diante de emergências como a da Ômicron seria que os países



Descompromisso político. Enfermeiro da etnia misak aplica vacina na Colômbia: falta de cooperação regional desde fim da Unasul atrapalha questão sanitária

VACINAÇÃO NA AMÉRICA LATINA

Em % da população



Dados entre 29/11 e 1º/12 * Dados de 19/11 ** Dados de 12/11
Fonte: Our World in Data/ Universidade de Oxford Editoria de Arte

que já chegaram a seus limites de vacinação pudessem doar. Mas tem sido um ideal falho — afirma o microbiologista Pablo Tsukayama, da Universidade Peruana Cayetano Heredia.

Enquanto o Haiti vacinava os primeiros profissionais de saúde e idosos com um montante inicial da vacina da Moderna disponibilizada pelos EUA à Covax, o Brasil, que negociou diretamente com farmacêuticas, tinha 15% da população já protegidos.

A debilidade dos programas de vacinação haitianos

já aparecia em informativos da Opas há pelo menos dez anos, mas somou-se a isso uma sucessão de crises recentes para além da Covid: o assassinato do presidente Jovenel Moïse, a escalada da violência e da pobreza e um terremoto, o maior desde o de 2010.

Em situação bastante dramática também está a Guatemala, que conta com cerca de 23% da população plenamente vacinados. O país teve problemas em duas frentes: a primeira foi apostar em doses da vacina Sput-

nik V, desenvolvida pelo Instituto Gamaleya, na Rússia. Os produtores do imunizante não cumpriram prazos de entrega e prejudicaram a vacinação da Guatemala e de outros países da região, que contavam com as aplicações para deslanchar no programa de imunização. A segunda questão toca em aspectos logísticos e de comunicação internos.

BOLSÕES

No Paraguai, a doação de vacinas pelo mecanismo da Covax ajudou a impulsionar a campanha de vacinação. Mas ainda é insuficiente para acelerar a imunização, hoje em 36% da população total, uma das mais baixas do continente. Já a Nicarágua, que apostou em vacinas cubanas e na russa Sputnik, dependeu também de doações da Covax, mas permanece como um dos países da região com menor cobertura vacinal (35%).

Os bolsões de baixa vacinação no continente criam também um ambiente propício a novas variantes que ameaçam a região e o mundo, a exemplo do ocorrido com a Ômicron na África.

Responsável pela descoberta da variante Lambda no Peru, Tsukayama lembra que a América Latina tem resistido à predominância da variante Delta graças ao avanço da vacinação. Mas

ela deve ser acelerada, uma vez que o continente já enfrentou retrocessos:

— Já vivemos histórias em paralelo no Brasil com a variante Gama, no Peru com a Lambda, na Colômbia com a Mu. E foram justamente países em que a transmissão do vírus foi descontrolada entre 2020 e 2021. Essas condições podem se repetir.

MAIS VACINA

Daí a importância e o desafio de ampliar a vacinação coletivamente para socorrer países que não conseguem, sozinhos, dar conta de imunizar sua população.

No Brasil, o avanço da vacinação e a autonomia da produção do Instituto Butantan e da Fiocruz permitiriam ao país, em tese, fazer doações aos vizinhos.

O Ministério da Saúde e o Butantan já sinalizaram positivamente em relação ao assunto.

—A iniquidade (de vacinação) além de ser injusta, antiética e imoral, vai nos levar ao prolongamento da pandemia. Enquanto houver nessas locais o surgimento de novas variantes, o risco permanece — afirma o presidente da Sociedade Brasileira de Imunizações (SBIM), Juarez Cunha. —Precisamos fazer o dever de casa, mas também nos solidarizar com os latino-americanos e colaborar para que outros países possam evoluir na imunização.

Direita aposta em candidata moderada contra Macron

Partido Os Republicanos escolheu Valérie Pécresse para representá-lo nas eleições francesas de 2022

PARIS

Valérie Pécresse, que se descreve como “um terço Margaret Thatcher e dois terços Angela Merkel”, foi escolhida ontem como candidata à Presidência da França pelo partido da direita tradicional Os Republicanos. Para vencer as eleições de abril de 2022, contudo, ela precisará competir com o presidente Emmanuel Macron pelos eleitores centristas e recuperar o apoio perdido para a extrema direita.

A moderada governante da região de Île-de-France, nos arredores de Paris, foi escolhi-

da após a rodada final de votação entre os integrantes do partido — ao todo, 140 mil pessoas estavam aptas a participar. Ela saiu na frente de Eric Ciotti, um político do Sul francês, após ganhar o apoio dos pleiteantes derrotados no primeiro turno.

Pécresse venceu Ciotti, o mais conservador entre todos os pré-candidatos, por 61% a 39%. Dois dos inicialmente favoritos, o ex-negociador da União Europeia para o Brexit, Michel Barnier, e o líder regional Xavier Bertrand ficaram para trás na primeira rodada.

— Pela primeira vez em sua

História, o partido do general [Charles] de Gaulle, de Georges Pompidou, de Jacques Chirac e de Nicolas Sarkozy terá uma candidata mulher nas eleições presidenciais — disse a candidata a apoiadores.

O partido abriu mão de uma guinada à extrema direita, buscando atrair eleitores moderados, cortejados por Macron e necessários para que seja eleito para mais um mandato. Ainda assim, faz acenos para os mais radicais endurecendo a retórica anti-imigração, por exemplo.

—A direita republicana está de volta. A direita das convicções, das soluções, está unida e parte para o combate com uma vontade implacável afirmou a candidata.

Pécresse, contudo, está distante de alcançar o presidente, que lidera com 24% das intenções de votos, segundo o agregador de pesquisas do site Politico. Ela aparece em quarto,



Escolha inédita. Valérie Pécresse será a primeira mulher a disputar a Presidência pelo partido de Sarkozy e Chirac

com 10% dos votos.

A vice-liderança é ocupada por Marine Le Pen, da extrema direita, com 19%. Em terceiro, com 14%, está o pole-

mista ultraconservador Éric Zemmour, que confirmou sua candidatura na terça-feira.

Pécresse, de 54 anos, foi ministra da Educação e do Orça-

mento durante o governo de Sarkozy. Ela se apresenta como uma ambientalista fiscalmente conservadora e defensora da lei e da ordem.